Anno I.º — Ovar, 8 de Julho de 1909 — Numero (29)--12

A Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *—
Semestre . . . . . 250 reis
Com estampilha . . . . . 300 reis
vulso. . . . . 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
Composição e impressão, Typ. «Ovarense»=Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

AVISO

—*—

Avisamos os nossos presados assignantes da provincia, que estamos procedendo á cobrança do primeiro semestre.

Esperamos que todos satisfarão logo que lhes seja apresentado o respectivo recibo, o que antecipadamente a empreza agradece reconhecida.

A's pessoas a quem pela primeira vez enviamos hoje o nosso jornal, rogamos a fineza de nol-o devolverem caso nós não queiram honrar com a sua assignatura.

ITERUM CHRISPINUS

—*—

De ha bastantes dias que temos em nosso poder a carta, que hoje publicamos, de João Madria, talento primoroso, que em quadros soberbos, n'uma linguagem castiça, cheia de originalidade e relevo, vem steriotipando na «Perola» homens e factos da nossa terra, que desafiariam as iras de Juvenal e as lagrimas de Democrito.

O nosso proposito era mesmo não a publicar jàmais, por nos ser isso pedido por um amigo nosso, n'estes termos: «deixem lá o homem. O que ahi se tem dito já na imprensa è o bastante para lhe abrir os olhos. Elle é padre, deve ser crente e zelador do bom credito da religião. E mandar *assim* gente para conventos é desacredital-a, é negar-lhe valor fóra do claustro, é pelo menos dar azo a que a enxovalhem, a que a blasphemem. Deixem-n'o. O homem deve estar corrigido da sua mania, em prol da fé e da egreja.»

Por isso a tinhamos archivado, mas não inutilisado, como uma d'essas joias que muito bem, sob o imperio da moda, dispensamos em os nossos adereços, para a conservar como preciosidade no veludo do nosso escrinio.

Sentiamos até um certo praser em nos convencermos do que dizia o nosso amigo: pois não o experimentámos nunca em arregoar com a pitta do nosso chicote as carnes do nosso semelhante. Quando o fazemos, o constrangimento apodera-se de nós e só a convicção de que não ha nada que melhor cure de certos males que o que dóe e amarga, nos dá força ao braço para descarregarmos o açoite da indignação ou propinarmos a triaga do epigramma e da ironia.

Os factos, porém, acabam de desfolhar-nos mais essa illusão. O Sr. Padre da Fura persiste na sua missão de attrahir donzellas para os conventos. Ha oito dias que para lá mandou uma do Salgueiral de Baixo, segundo dizem! Já são oito dentro d'um anno!

Isto revolta-nos, porque o julgamos incompetente para tal.

Elle sedul-as, evidentemente, por mais que o negue! porque é elle o UNICO padre *engajador*, de raparigas na nossa terra! O unico!

Pois, poderá admittir-se que todas as vocações religiosas que ahi fluctuam na massa do povo, só com elle vão ter? ou será elle mais atilado que nenhum, para as farejar no primeiro vento? será, mesmo, melhor que todos elles? mais sabio? terá um conhecimento mais perfeito das ciladas do mundo ou dos abrigueiros da vida religiosa? lerá melhor no coração humano? será mais crente? será um mistico? Nada d'isto é, nem mistico? Não! E a resposta affirmativa seria um d'estes desconchavos que passaria diploma de ignorante ou idiota, a quem a proferisse convicto.

Por isso a carta de João Madria, vê hoje a luz da publicidade.

N'ella vai ser ferido, n'uma ou outra passagem, o sentir de muitos espiritos sadiamente crentes.

D'ellas discordarão talvez muitos dos collegas do sr. padre da Fura.

Não as eliminamos, não as podamos de proposito, porque ellas são precisas. E' necessario despertar uma forte reacção nas almas crentes contra esse proceder de sua reverencia, chamal-o a capitulo, apontar-lhe os inconvenientes e nenhuns bens do seu modo de agir UNICO ou cassar-lhe a licença de confessar... donzellas. E isto parece-nos que se não fará emquanto, devido ao seu proceder, se não desfechar abertamente contra à fé, contra a crença da maioria, contra as verdades que nós guardamos com zelo no sanctuario da nossa alma e por coisa nenhuma queremos ver ultrajadas, fréchadas pela impiedade ou pelo sarcasmo.

E a tal se ha de consentir que cheguemos?

Da carta de João Madria não vôam d'estas settas, mas alguma coisa parte, que o sr. padre da Fura tem obrigação stricta de evitar.

Leia e verá o que ahi vai... e quanto elle é benigno. Não que são oito já, as encafuadas pelas grades dos recolhimentos, desde o ultimo agosto até faz hoje oito dias.

Oito felizes?

Tranquillise-se, se póde, dando resposta a essa pergunta!

—

Vamos terminar, lembrando-lhe, que onde ha trabalho e fé, medra a virtude e que esta nas cellas dos claustros encontra sempre a asphixial-a aquelles espinhos de que falla o Evangelho, dos quaes os peores são a duvida e a descrença.

No campo, na lida, no trabalho, vergando o corpo para a terra, empolgado pelas mãos vigorosas da fadiga é que a virtude vive e tem valia.

Foi assim que se regeneraram do seu crime os nossos protoparentes, que elles floresceram em santidade.

No cadinho é que se prova o oiro, na attribulação e no perigo è que se acrisola a virtude.

Não ha cilicios, nem disciplinas, que melhor fustiguem e domem as paixões do que o trabalho.

Deixe, pois, trabalhar quem trabalha. Não roube aos campos os braços, que póde ser isso roubar almas à felicidade.

Por cada lagrima de suor que na labuta cai da nossa fronte e vai ensopar a terra, tem Deus uma benção e um olhar de compadecido amor para nos lançar lá do ceu.

Limite-se, pois, a ensinar as almas simples a crer e amar, a referir a Deus os soffrimentos e fadigas do labor, que é um abençoado castigo que nos foi imposto, a dispensar-lhes os soccorros que a egreja possue para os corações attribulados pela dôr ou pelo crime. Esta é que é a missão do sacerdote.

Foi a que Deus lhe confiou, é a que nós queremos sua reverencia cumpra.

Eduardo.

Branca

—*—

(Ao meu amigo Mario Carneiro)

Branca, a côr da neve pura;
E' branca a côr da pureza:
Não ha côr na Natureza
Mais casta, com mais doçura.

E' branca a nuvem d'arminho
No Céo voando, apressada,
E' branca a hostia sagrada,
Branca a espuma, branco o linho.

E' branco o cysne altaneiro,
Branco o leite creador,
Branco o marfim, e a côr
Do alvo luar de Janeiro,

E vós sois Branca Senhora,
Sois cysne, espuma, sois neve,
Sois nuvem serena e leve,
E minha luz redemptora.

Porto, 1909.

Molima.

CARTAS

VIII

Ao Reverendo Sr. José Simeão

Rev.mo Sr.

No caminho que vou seguindo, direito como a consciencia m'o aponta, V. Rev.ma é um mero accidente, um conhecido a quem, parando, tenho de dizer duas banalidades, coisas simples, porque a sua ultima façanha deu-lhe as honras d'homem discutido, guindando-o ao pedestal das tristes celebridades. E digo que é um mero accidente, um contratempo futil, porque não o lobrigava cá da trapeira, porque o não tinha archivado no canhenho.

Agora vejo que a multidão o olha estarrecida e ouço que andam de bocca em bocca, como pequeninas distrações d'um Rosalino impenitente, certas phrases das longas praticas que faz nas suas missas. Ora isso é muitissimo, chegando a ser um sonho para a maioria. Isso é quasi a popularidade que só gozam os que sabem fazer-se amar e entender pelo povo, pensando singelamente como elle, soffrendo os seus desastres e vivendo as suas alegrias, e, como elle, sabem e podem ser francos, sinceros e bons.

Assim foram Christo, S. Francisco d'Assis e Santa Clara...

Porque muito amaram a natureza e os homens, casando com a d'ambos as suas grandes almas, elles vivem e viverão sempre aureolados de luz nos nossos corações.

Mas V. Rev.ma na sua missão d'apostolo, porque não consorciou ainda a sua alma com a do povo, fallando-lhe a direito do amor e da abnegação, despindo-se de todos os ouropeis farfalhudos das cathegorias sociaes, parece-me que atraiçoa a sua religião e os seus votos.

Ensinando a orar, a levantar para Deus a alma torturada, devia dizer tambem que o trabalho é santo e que, quando é pura a intenção, a prece sobe melhor do campo, da eira, da rua, do que d'um templo comido da traça dos annos, do que do fundo d'uma cella, transtornada pela superstição, desvairada pela magnificencia, matraqueada ás matinas. O christianismo é a liberdade e a vida e o monashismo é a escravidão a um fanatismo estreito.

A clausura é um absurdo, é uma monstruosidade em que Christo não sonhou. Um convento é um apparelho onde se deformam almas, onde se mancam caracteres, onde se transiram e affogam admiraveis instinctos.

Só lá estão os doentes do espirito e aquelles que, fingindo amar a Deus, julgam disfructar lá dentro a paz patriarchal das grandes digestões e o arrimo da velhice.

O que é Deus? V. Rev.ma sabe que elle é a doçura, a paz e o amor, a ultima e suprêma aspiração de todos nós que, muito soffrendo e muito trabalhando, por estes caminhos queremos escalar tambem essa perfeição absoluta.

O que se busca n'um recolhimento? A perfeição.

O que se consegue? A paz, a tranquilidade da consciencia, o pão de cada dia garantido a troco d'um pequeno sacrificio. Mas é isso o necessario para alcançar a bemaventurança? E' sacrificio fazer pasteis na paz doce d'um claustro, moer orações entre incensos e flores, e gosar a vida socegadamente, pautadamente, porque não ha nuvens presagens no horisonte da velhice e até lá não sobe a babugem da maledicencia, a quarta feira de trevas da dor, da miseria e da fome?

E' isso o sacrificio christão?

Sacrificio, pureza de vida, estreito cumprimento dos preceitos de Jesus, é não ter mais que uma tunica, é, com prazer, deixar-se calcar pelos ambiciosos e pelos maus, trazendo sempre o perdão na alma e nos labios e trabalhar quanto se possa para receber quanto baste ao sustento do corpo.

Pureza de vida, elevada e santa, é sair d'este tremedal sem um rasgão na alma, sem um salpico de lama na conducta, deixando um rasto de luz e amor depois de ter descido ás cadeias a prégar a regeneração, parando pelos prostibulos a alliviar com a palavra, com o conselho, com o exemplo, a dor immensa que tortura aquellas desgraçadas, a negra miseria que as envolve e as mata.

Cumprir á risca os preceitos do Divino Mestre, é amar a Deus mais que á nossa pessoa, é vestir os nús, pagar uma affronta com um beneficio, sendo paciente como Job e bom como um santo.

E' assim a vida n'um recolhimento, amortalhadas em negro as creaturas que lá vegetam, vivendo egoistamente uma vida estreita e artificial?

E' isto que V. Rev.ma ensina, aconselha e pratica?

Parece-me bem que não, mas como, dizem, todos os caminhos vão ter a Roma, é muito provavel que, caminhando para lá, não trilhemos juntos a mesma verêda, soffrendo as mesmas desillusões e gosando os mesmos triumphos. O que é certo, porém, é que, buscando ambos a mesma verdade eterna, devemos chegar ás mesmas conclusões e eis porque, muito singelamente direi a V. Rev.ma que está servindo, impensadamente, os inimigos da Egreja, porque não ensina lealmente as doutrinas que professa

Era isto que lhe devia dizer, duas banalidades apenas, uma vez que o encontrei accidentalmente no caminho que vou seguindo, direito como a consciencia m'o aponta.

Servo de V. Ex.ª Rev.ma

3—6—09.

JOÃO MADRIA.

Rosas

E' a vida um canteiro florido
Onde vicejam as mais bellas rosas
De petalas nevadas, setinosas
Ou de tom levemente escurecido.

Todas ellas são lindas, perfumadas;
Todas teem o seu quê de puro e santo
E occulto na corolla o doce encanto
Da brisa outonal das madrugadas.

As minhas, tão singellas, desmaiadas
Murcharam ao nascer estioladas,
Aos pés da Illuzão da Dôr immensa

Pobres flores! Sèm viço destroçadas
Tombaram para sempre, amortalhadas
No gélido sudario da descrença!

Lina X. Castro Soares.

Notas e Impressões de um excursionista a Vianna, que por signal ficou em Ovar

—*—

No dia 29 lá abalou para Vianna a grande excursão vareira. A banda dos bombeiros, executando «a despedida d'Ovar» deixou uma triste recordação, áquelles que, por infelicidade ficaram em Ovar a gozar a bella... nortada! No dizer dos excursionistas, tudo correu às mil maravilhas, com pequenos mâs! Todos se devirtiram a seu modo, e as suas impressões são inarraraveis!

Assim por exemplo diz-se:

Que a direcção dos bombeiros ficou altamente entupida, quando ao chegar a Vianna, viram a sua congenere, garridamente fardada, de nariz para o ar, como farejando d'onde poderia surgir um bombeiro vareiro fardado.

Que a atrapalhação foi tão grande que todos começaram a apalpar os bolsos á càta da fita distinctiva.

Que o Antonio Augusto Liz teve uma ideia genial que foi—arregaçar a calça e tirar da perna uma liga que enfiou no braço do Frederico, salvando assim a situação.

Que este mesmo (Frederico) pintou o diabo com um desgraçado que teve a infelicidade e a triste idéa de entrar na sua carruagem.

Que o Angelo ficou im-

pressionado até ás lagrimas, por em Vianna e no Monte de Santa Luzia serem conhecidos os seus grandes dotes d'actor-amador, vendo-se grego para se desculpar de tantos convites que teve para tomar parte n'um drama commemorativo da guerra Peninsular.

Que o Luiz Lima veio fulo por a imprensa não fazer referencia ao seu reportorio. Naturalmente, procedeu assim, para ver se o mesmo Luiz perde a mania de executar trechos d'operas nos arraiaes Coizas populares Luiz!... coizas populares!

Que o Augusto Lamy, sendo um rapaz intelligente, nada contou apezar de interrogado sobre as suas impressões. Até parece que não foi lá!

Que o Dr. Sobreira, deu o triste pio, pela forma incorrecta como elle e seus companheiros foram tratados no hotel, onde, antes que acabassem de comer, os creados procederam á cobrança tal e qual como n'um espectaculo cinamatographico, quando o espectador compra bilhete para duas ou mais sessões.

E' que elles disseram de si para si:—Com vareiros não queremos nada! Assim como enterraram o Senhor na areia, tambem são capazes de... Ouçam!... lá vem musica! Qual é, a nova ou velha? Ora!.. é a nova.

Pelo que? Porque vem a executar opera!...

Que o Alves Correia, veio apaixonado pelas Vianenses de quem trouxe gratas recordações.

Que o Reverendo Padre Lyrio devia ir tomar ar para o Monte de Santa Luzia, para perder uma quarta parte da sua gordura e tornar-se tão elegante como é gentil.

Que o Quim Ferreira está prestes a suplantar, em gordura, o actor Chaby—pois que o seu bojo já é maior que o do balão do Belchior—de triste memoria!

Que o Chico Bello foi um grande ingrato para as suas apaixonadas, porque não teve a lembrança de lhes mandar um simples postal illustrado.

Que, o Dias Simões, continua sendo o mesmo. Sempre triste e distrahido, não mostrando a sua intelligencia e habilidade se não, quando pega na penna!

E finalmente que:

A misericordia em Ovar não será um facto, se os endinheirados, não estenderem os cordões á bolsa, ou não derem um saque aos seus cofres!

Esperando

Pica uma estrella o azul do infinito!
«Não vês alem na praia um vulto branco?
Será Ella?.....»

I

Ella está longe e eu espéro
N'uma fèbre de desêjos,
Que Ella venha, meiga e linda,
N'uma tunica de beijos,

Solta ao vento a negra trança,
O seio arfando de leve
Como a prece d'uma Virgem
Que do sonho a Deus se eléve.

II

Quéro dar-lhe a boa nova,
Que m'abriu o peito à luz,
Que em sonhàdos devaneios
Só agora se traduz.

III

Eu espéro que Ella venha
Mui subtil e mui de leve
Como aquella Fada errante
Que uma lenda nos descréve.

IV

Envolta em nuvens d'aroma,
Tão subtil como um perfume
Eu A aguardo e é só n'isto
Que o meu sonho se resume.

Coimbra, Julho de 909.

Fernandes d'Almeida.

Quem muito pede, muito fede!

Secção charadistica

QUADRO D'HONRA

Timbira
Arnobio
Joteba
Dr. Misterio

Decifrações do n.º anterior:

1. Coralina, 2. Salve Fuinha, 3. Phlebotomia, 4. Bolonio, 5. Prospero, 6. Parazita, 7. Paraclyto 8. Risorio, 9. mandarim, 10. Mites-setim, 11. assim missa, 12. pena-penão, 13. Esteva estevão, 14. vasa-vasão, 15. Doma-domar, 16. grise-gris, 17. adonis doa, 18. Cocoras-coco, 19. Peruruca, 20. Rudduk e 21. Faceiro-faceiro.

Decifradores:

Timbira, Arnobio, Joteba e dr. Misterio, todas. Odeveza e Eurico de Souza todas excepto a do numero 7.

Nota

As charadas camoneanas decifram-se, cortando a ultima syllaba, e as restantes, trocam-se com as transpostas, isto é, a 1.ª para a ultima e vice-versa. Aos senhores charadistas pedimos a fineza de nos mandar as producções em pequenos boccados de papel e as respectivas decifrações na parte inferior d'esses papeis. Ao sr. Joteba pedimos não se enganar na designação de syllabas ou lettras, isto è, quando forem syllabas não declarar que são lettras e viceversa como aconteceu com a sua n.º 18, que designou por lettras. Aos senhores Pinheiro, Joteba e Republica pedimos para mandarem mais producções.

O encarregado da secção charadistica previne os senhores charadistas, de que não dá preferencia a nenhuma charada; isto é, não publica nenhuma que venha depois d'outras que ainda existem na Redacção, porque á medida, que vão chegando, são conferidas e numeradas. N'estes casos, a preferencia vinha difficultar, e dar logar a enganos desagradaveis. Assim o pedido de. Porquinho, só pode ser satisfeito no 32. Outrosim, previne, que não serão publicadas charadas, cujos titulos não sejam conhecidos no mundo charadista e que obedeçam á phantasia do auctor como por exemplo: as Camoneanas, Lisbonenses, Metaplasmatica, Metaplastica etc. etc., cujos titulos, não se encontrem nos diccionarios deforma a facilitar as decifrações, ou habilitar os decifradores a decifral'as. Ficamos entendidos.

—*—

Em phrase

1 A' vóz de retiro, quem é que tem cara de não ir para a terra cheia de pedregulho? 2 1

—*—

2 Com muito gosto lhe apresento uma bella cor para pintar o seu mirante 1 2

Barbas de Bagaço.

—*—

3 N'uma povoação da Syria encontrei com magua um rio de Hespanha.

Dr. Misterio.

—*—

4 Pelo gargallo da garrafa que contem o remedio tiro aquelle cuja base é a pyroxila 2 2

—*—

5 A ama de Baccho, embarca sempre a toque de caixa, a bebida perdilecta d'aquelle que cria 1 2

Pinheiro.

—*—

6 Se nós temos uma arma, matava-mos aquelle official á queima roupa 1 3

—*—

7 Para onde levas a vogal com esse rebanho de bois? 2 1

Republica.

—*—

8
Defende e salva se podes 2
Ao que n'esta va cahir 2
Que pode bem não o nego
Recrear e instruir

—*—

9 Aqui, na Azia, na bocca e na bocca 1 1 1

Califa.

—*—

10 N'uma cidade do Egypto ha um jogo que tem o nome d'um homem 1 1

—*—

11 A filha de Ban era uma mulher que amava esta planta carnuda 2 2

Rei Pum

—*—

12 O fructo traça o involucro 1 2

Porquinho

—*—

Em verso

Ao valente Timbira

13
A mulher do Braz Pindella,
Tinha um chapeu original, 2
Que lhe trouxe de Benguella,
O seu compadre Zé Pardal.

Ella de nariz alçado, 2
Ali, logo, lhe agradeceu, 1
A sua offerta e cuidado
Que teve co'a comadre Céu.

Olhando-a todo baboso, 2
Assim lhe diz o Zé Pardal,
Todo piégas, dengoso,
Com appetites de animal.

A comadre é um bijousinho,
Só o seu olhar me consola,
Se me desse o passarinho...
Para o metter na gaiola!...

Odeveza.

—*—

Metathelicas

14 A' corrente de rios, quem é que paga satisfazendo tudo? 5

—*—

15 O deutoxydo de chumbo é super-abundante 5

Arnobio.

—*—

Electrica

16 N'um rio da Russia lê-se ao contrario um bom licôr 2

Carcosmor

—*—

Apocopada

17 N'uma fiança que me deram encontrei uma bebida 2

Charada invertida por syllabas

Ao valoroso Duarte Silva

18 Insecto americano 4

Joteba.

—*—

Decepada

19 O sargento-mor leva uma flor na lapella 2

Joteba

—*—

Biformes

20 Sou irmão de minha irmã 3

Odeveza

21 Na fallencia da garganta ainda se nota o requebro e trinado da voz 2

Dr. Misterio

—*—

Transposta por syllabas

22 Animal 2

Porquinho.

—*—

Camoneanas

23 Tem bom gosto este marisco 3 2.

—*—

Retribuição ao distincto charadista Joteba

24 Fiquei em sobresalto quando passei por uma terra maninha cultivada 3 2

—*—

25 Gosto muito de apreciar esta mulher mal encarada 3 2

Eurico de Souza.

Nova loja de fazendas

—*—

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crûs, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flanellas d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, guarda-soes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para a estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MCHINAS DE COSTURA

—*—

As machinas de costura «Original» de *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar=*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinàs de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabricomo na *America*.

Unico depositario em Oav.r

Ludgero Peixoto

Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores-Ova

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno I Quinta feira 8 de Julho de 1909 N.º (29)-1 2

Snr.